

Relendo Emmanuel (ENUNCIADOS DE MORAL CÓSMICA)

**“(...) precisamos, em verdade, do
ESPIRITISMO e do
ESPIRITUALISMO, mas, muito mais,
de ESPIRITUALIDADE.” (Emmanuel,
na apresentação de André Luiz, em
“Nosso Lar”, 34ª ed. FEB/RJ)**

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Como escrevemos alhures (cf. **“Espiritismo: Uma Reflexão sobre Fundamentos”**), *“O Espiritismo não é mais uma religião, ou, como preferem alguns, mais uma seita; é um poderoso sistema filosófico, apoiado em fatos que, a seu turno, indicam a atuação de leis da natureza, uma natureza mais ampla, talvez, menos imediatamente compreensível para a ortodoxia anacrônica (...)”*

Dentre os fatos, de há muito bem estabelecidos, graças às pesquisas de Sir William Crookes, Charles Richet, Gustave Geley, Hernani G. Andrade e Ian Stevenson, ressaltam a ocorrência da mediunidade, um aspecto da função psi, que agora desperta na estrutura psicobiológica humana.

Tal fenomenologia ganhou, em Francisco Cândido Xavier, pessoa que a afetividade do brasileiro consagrou como “Chico Xavier”, aspectos quantitativa e qualitativamente significantes, a desafiar a ortodoxia científica vigente. São milhares de eventos, indo desde as ectoplasmias, passando pelas identificações de Espíritos, seja na presença de familiares ou conhecidos, seja na fundamental categoria do **“drop in”** (que afasta a incidência de parâmetros empregados pela escola materialista da Parapsicologia), até desaguar na produção de textos literários puros, filosóficos e científicos, estes últimos, como na chamada “Série André Luiz”, veiculando, na maioria das vezes em linguagem figurada, antecipações de dados integrantes de contemporâneas visões físicas do cosmos.

Levou o presente opúsculo em conta a refinada contribuição de ChicoXavier/Emmanuel, na qual ressalta, a nosso sentir, a característica de corte moral e ético, peculiar aos grandes textos espíritas, que não se caracterizam pela moralidade religiosa, mas por um apelo à ética. Porém, muito mais do que uma moral miúda e uma ética fechada em si mesma, na qual todo e qualquer banditismo encontra justificativa comportamental, cremos que o pensamento de Chico Xavier/Emmanuel enfoca noções de Ética e de Moral Cósmicas, as únicas aptas a, desfazendo o jogo obscuro de repressões e sublimações pela culpa imposta e introjetada pela tradição judaico-católica, concomitantemente evita o sensacionismo primitivo, que a tudo justifica, em nível basicamente egoístico.

Fiel a tal visada, não tivemos a intenção de consolo, nem mesmo a de satisfazer a eventuais expectativas, o que uma moral miúda talvez pudesse classificar como manifestação de arrogância. Não o é, porém, além do que ao homem voltado para o Espírito importa muito pouco o maniqueísmo das condenações apressadas, sempre superficiais.

Não o é, repetimos; trata-se, antes, de um singelo apelo à necessidade de reconhecermos, no Conhecimento, a grande chave de nossa libertação, não somente enquanto homens, senão enquanto seres integrais.

Dito isto, passemos, sem mais delongas, a alguns textos escolhidos dentre os que nos pareceram bastante exemplificativos desta atitude mental, e seus comentários.

“Na Luz da Verdade

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará Jesus”. (João, 8:32)

“Do irreal conduze-me ao real; das trevas conduze-me à luz; da morte conduze-me à imortalidade”
(*Upanixade Brihadaranyaka, 1ª Adhyaya, 3ª Brahmana, 28º Mantra*)”

(...) “Não intentes constranger o próximo a ler a cartilha da realidade por teus olhos, nem a interpretar os ensinamentos do cotidiano com a cabeça que te pertence.

A emancipação íntima surgirá para a consciência, à medida que a consciência se disponha a buscá-la.

Rememoremos as palavras do Cristo: ‘conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’. Note-se que o Mestre não designou lugar, não traçou condições, não estatuiu roteiros, nem especificou tempo. Prometeu simplesmente – ‘conhecereis a verdade’, e, para o acesso à verdade, cada um tem o seu dia.” (Emmanuel, “Palavras de Vida Eterna”, p. 277, ed. CEC)

Milhares e milhares de páginas têm sido escritas acerca do conhecimento e da verdade. Classicamente, admite-se como verdadeiro o conhecimento que corresponda à imagem correta do objeto cognoscido, na mente do sujeito cognoscente. Com o abandono do conceito de ‘observador’ e correlata introdução, pela Física Quântica, do de ‘participador’, o chamado *ideal gnoseológico clássico*, rapidamente sumariado acima, passou a sugerir uma interconexão dinâmica entre os dois pólos do fenômeno cognitivo: sujeito e objeto. Mutuamente condicionantes, eles não se separam; antes se fundem e impõem alterações um ao outro. O processo é agregador, unificador, engajador, de compromisso, com muito de subjetividade, e não separador, isento, descompromissado, puramente objetivo.

Todos os grandes mestres espirituais, aqueles que voltaram sua sensibilidade em direção a uma outra dimensão existencial, aludem a uma verdade permanente, perene. Dos Vedas e das Upanixades, produto notável da experiência dos Rishis, até a obra

viva de Sri Sathya Sai Baba, a tônica é uma só: há uma verdade, que integra o próprio Cosmos, do qual o Homem é um aspecto consciencial.

Tal verdade não é imposta de fora para dentro. E cada indivíduo é titular de uma "zona lúcida", na expressão de Paul Gibier, à maneira de uma janela da qual vai, aos poucos, se aproximando, para observar-participar da vida.

Conforme famosa parábola hindú, os que ficaram cegos antes de verem um elefante tocavam-lhe, depois, partes aparentemente isoladas, e associavam-nas com objetos que chegaram a ver. O que lhe apalpava a perna, dizia ser ele, na realidade, uma pilastra; o que lhe examinava a tromba, afirmava tratar-se de um cano flexível; o que lhe tateava uma orelha, afiançava estar diante de um grande leque; o que procurava abraçar-lhe o ventre, asseverava defrontar-se com um grande barril; o que lhe perquiria a cauda, acreditava-se em face de um barbante.

Mesmo que nenhum deles lograsse imaginar o elefante, seria possível aproximar-se dele, pela permuta das informações que cada um obtivera. O ato de ver significa, portanto, mais do que o simples enxergar.

Esse o nosso papel, uns em relação aos outros: permutar conhecimentos, realizar o conhecimento corretivo, esclarecendo-nos mutuamente; jamais tentando impingir a nossa impressão do real.

A verdade é sedutora. Ninguém escapa aos seus apelos.

Nem por sabermos eventualmente mais, estaremos dispensados do dever de partilhar nosso patrimônio interior com os que de nós se aproximem, devendo nós mesmos, por nossa vez, aproximarmo-nos dos outros, cultivando um relacionamento construtivo.

Se há aqueles cuja consciência não se dispõe a buscar a verdade, é preciso esforço por lhes entender as resistências e naturais dificuldades, aguardando o momento, que sempre há de oportunizar-se, para sensibilizar-lhes a alma.

O Cristo, lembrado por Emmanuel, “não designou lugar, não traçou condições, não estatuiu roteiros, nem especificou tempo.”

“Não Te Inquietes

“Não estejais inquietos por coisa alguma”. (Paulo.
Filipenses, 4:6)

“Yoga é a restrição das flutuações da consciência.”
(Patañjali, “Yoga-Sutra”, 1.2)

“Porque Yoga é a perfeita serenidade da mente.”
(“Bhagavad-Gita”, 2.48, *in fine*)”

(...) **Em verdade, a inquietação é fator desencadeante de numerosas calamidades.**

(...) **Com ela, geramos preocupações enfermizas e arruinamos a estrada própria. Contudo, a pretexto de aboli-la, é indispensável não venhamos a cair na preguiça.**

Muita gente, a pretexto de evitar a inquietação, asila-se em comodismo deplorável, alegando que foge de trabalhar para não se afligir.

Entendamos, porém, no verdadeiro sentido, a recomendação judiciosa de Paulo. Ele que disse “*não estejais inquietos por coisa alguma*” nunca esteve ocioso.” (In “Palavras de Vida Eterna”, pp. 188-9, ed. CEC)

Textos milenares apontam a inquietação como estorvo às conquistas do espírito. Não, como escreveu Pietro Ubaldi, a necessidade de “arrebato das formas superadas”, inserida na própria dinâmica evolutiva; nem as adaptações e readaptações exigidas pelo cotidiano da vida; tampouco a busca pelo melhor em cada um; sim, porém, a inquietação gerada pela incapacidade de discernir entre o útil e o inútil, sob o ângulo do Espírito imortal.

Nesse processo, é crucial não confundirmos “paz” com “inação”, “ponderação” com “inexpressividade”, “equilíbrio” com “descompromisso”; nem, por outro lado, “precipitação” com “colaboracionismo”, “agitação” com “engajamento”, “adesão irrestrita” com “compreensão”.

É necessário preservar a tranquilidade na ação, raciocinar com arrojo, avançar com equilíbrio em referencial moral e eticamente superior, colaborar com prudência, engajar-se com serenidade, empenhar-se pelo entendimento.

Nem ócio, nem agitação; nem covardia, nem temeridade; nem renúncia, pura e simples, ao poder, nem apego a ele, com abuso de poder. Todos os exageros costumam ser complicadores, na medida em que introduzem novas variáveis na equação que vamos montando, e que precisa ser resolvida.

Viver exige-nos um constante esforço de adaptação com crescimento, em incessante auto-superação, esta demandando discernimento, na medida em que não podemos superar aquilo que não conhecemos. Ninguém evolui furtando-se à dinâmica própria da evolução. Contudo, abrir sucessivas frentes de batalha pode exaurir-nos e lançar-nos em compromisso de difícil e penosa solução. O equacionamento de situações, conjunturas e perspectivas é o que nos habilitará à plena compreensão da meta colimada.

As propostas não são estáticas, nem valem por si mesmas, isoladas do conjunto, de modo que as adaptações pedidas pelo meio, no qual elas se atualizam, guardados os valores espirituais que as fecundam, longe de empobrecê-las ou desvirtuá-las, permitem-lhes evidenciar a sua aptidão transformadora, sem embargo da perplexidade que causem, no momento do “choque com o estabelecido”, com o consagrado.

Sob uma tal angulação, não é o meio termo incompatível com o “sim, sim; não, não”. Sejam, sim, claros e transparentes, sobretudo quando o momento exija-nos definição espiritual. Não percam, todavia, de vista que, assim como a verdade não deve ser empregada como tacaieiro agressor, a luz não deve ser, irrefletidamente, utilizada para cegar.

“No Culto à Prece

“E, tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam
reunidos e todos ficaram
cheios do Espírito Santo.” (Atos, 4:31)

“Possa haver paz nos planos mortal, imortal e
divino. Eu medito sobre o mais brilhante esplendor
do Deus Sol. Possa ele estimular-nos o intelecto (de
tal modo que sejamos inspirados a agir
corretamente, no tempo certo.)” (“*Rig Veda*”, 3, 62)”

**Todos lançamos, em torno de nos, forças criativas
ou destrutivas, agradáveis ou desagradáveis ao
círculo pessoal em que nos movimentamos”.**

“(...)A fim de que não perturbemos as leis do
Universo, a Natureza somente nos concede as
bênçãos da vida, de conformidade com as nossas
concepções.

**Recolhe-te e enxergaras o limite de tudo o que te
cerca.**

**Expande-te e encontrarás o infinito de tudo o que
existe”.**

“(...)A prece, traduzindo aspiração ardente de
subida espiritual, através do conhecimento e da
virtude, é a força que ilumina o ideal e santifica o
trabalho. (...)” (“*Fonte Viva*”, pp. 337-8, ed. FEB)

Uma série de pesquisas conduzidas com o rigor da metodologia aplicável em ciências exatas vem estabelecendo a convergência de evidências da alteração das propriedades da água, quando submetida a campos mentais positivos, como ocorre em locais de prece. O grande solvente universal, apto, ao que tudo indica, a preservar informação medicamentosa homeopática expressa em altíssimas dinamizações (cf. **Benveniste, Jacques, in “Understanding Digital Biology”**;), sugere docilidade à influência dos repetidos estados de alma.

A par disso, é notável o equilíbrio provocado sobre o humor, pela oração profunda, não a repetição monocórdia de fórmulas, sem a correlata concentração no que se faça ou diga, por articulação verbal ou mentalmente. Entram naquela categoria de efetividade os envolventes mantras e “bhajans” empregados em

práticas milenares do hinduísmo, que preparam a mente para a sintonia fina dos métodos e das técnicas da meditação, estado diverso do de concentração.

Destaca-se, igualmente, a importância da prece, quer como ato de fé, quer como poderosa técnica conscientemente empregada para contato com dimensões espirituais superiores (estas, as que nos interessam), principalmente internas.

A oração franca, sincera, depurada de imediatismos, aquela que, no estilo de cada um, brota do ádito de sua alma, sempre fará estremecer a estrutura espiritual, provavelmente alterando estados de consciência e catapultando aquele que ora para outras dimensões da Vida. É o verdadeiro misticismo, sadio, inseparável dos processos de fé.

Como Espíritos, nós somos um vórtice de consciência em progressiva e constante expansão, por meio da qual descobrimo-nos, a nós, no próximo, e a este mesmo, em nós.

A prece reforça a intuição da unidade que integramos, despertando e acentuando nosso respeito pela vida, utilizando, em termos de Moral Cósmica, os campos que, a um só tempo, somos e que induzimos em nosso derredor.

Por conta da dinâmica integrativa, as revelações da vida são-nos feitas de acordo com nossa aptidão para entendê-las. Não porque algum agente divino proceda a uma prévia avaliação de nosso efetivo grau de compreensão; sim porque nós próprios temos uma “zona lúcida” (**ap. Paul Gibier**) que varia ao infinito. Contudo, o processo inicia-se pela inserção de dados “novos” nessa zona lúcida, o que a força a reprogramar-se, até alcançar e derrubar, depois, as muralhas da Jericó dos preconceitos que a constroem.

Orar é um modo de abrir nosso ser a verdadeiras “revelações”, de superar as formas a que nos adaptamos, em busca de formas outras de conhecimento integrativo, a fim de que, quando saltarmos no escuro, reunirmos condições de, nele, descobrirmos luz e novos patamares de significados e sentidos. Evoluir impõe e encadeia uma sucessão de saltos no escuro, inobstante todos os esforços de preservação da dita “racionalidade”.

Emmanuel apresenta-nos duas posturas, aparentemente inconciliáveis: a primeira, restritiva, continente e aprisionadora; a segunda, expansiva, conteudística e libertadora. Ambas, porém, integram-se, quando compreendemos que a reflexão sobre os nossos limites é um convite irrecusável a que os dilatemos, no “infinito de tudo o que existe.”

O Espiritismo, propondo mais amplo enfoque da Vida, por isso mesmo que lidando com leis mais amplas da natureza integral (aí compreendidos o mundo e o ser humano), está aí para acelerar nosso reencontro conosco. A frase pode parecer apelativa; mas um pouco de apelação desincumbe-se da função do sal...

"Não é Só

**“Mas agora despojai-vos também de todas estas coisas: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes de vossa boca”.
(Paulo Colossenses, 3:8)**

“Furtar-se à prática de atos egoísticos é um tipo de renúncia (...); renunciar ao fruto da ação é outro (...)”(Bhagavad-Gita”, 18.2)”

Na atividade religiosa, muita gente crê na reforma da personalidade, desde que o discípulo da fé se desligue de certos bens materiais. Um homem que distribua grande quantidade de roupa e alimento entre os necessitados é tido à conta de renovado no Senhor; contudo, isto constitui modalidade da verdadeira transformação, sem representar o conjunto das características que lhe dizem respeito.”

“(...)Pequeno erro de calculo pode trair o equilíbrio de um edifício inteiro. Eis por que em se despojando alguém de algum patrimônio material, a beneficio dos outros, não se esqueça também de desintegrar, em derredor dos próprios passos, os velhos envoltórios do rancor, do capricho doentio, do julgamento apressado ou da leviandade criminosa, dentro dos quais afivelamos pesada

mascara ao rosto, de modo a parecer o que não somos.” (“Pão Nosso”, pp. 305-6, ed. FEB)

Alerta Emmanuel para o imediatismo inserido na atividade religiosa, por conta da natureza humana. Talvez porque seja nela que os contrastes assumem roupagens mais gritantes, em vista da proposta de corte puro e simples com o secular.

A religiosidade é poderosa função superior do espírito, por meio da qual, a partir da fé, buscamos uma diversa compreensão da realidade como um todo. Assim, nela, qualquer desvio, qualquer concessão, salta aos olhos.

Considerando, porém, que estamos todos, inteiros, em cada ação seguida, as ponderações contidas na mensagem mediúnica aplicam-se genericamente.

Assim, sugere-se que às exterioridades se atribua valor menor do que o vinculado às transformações interiores, adequando-se-lhes os métodos e as técnicas de maior produtividade. Vale dizer, que não se tome, necessariamente, e por exemplo, a caridade beneficente (cf. **Allan Kardec**) como sinal de “renovação espiritual consolidada”. A questão é, sempre, tratável, inicialmente, por meio de média ponderada.

O risco de derrocada existe e é efetivo. “Pequeno erro de cálculo”, diz o texto, com razão, “pode trair o equilíbrio de um edifício inteiro”. Mas o hábito da revisão, o emprego do já mencionado “conhecimento corretivo”, pode minimizar tal risco

O despojamento deve, num primeiro momento ao menos, verificar-se relativamente às predisposições negativas, de temperamento e de caráter, que o texto sob comento enuncia exemplificativamente, terminando com forte reprovação da intencionalidade hipócrita, por meio da frase “(...) afivelamos pesada máscara ao rosto, de modo a parecer o que não somos”.

Coloca Emmanuel, à sua maneira, os milenares problemas da renúncia às obras fundadas no desejo (“**sannyasa**”, a teor do Capítulo XVIII da “**Bhagavad-Gita**”) e do desapego aos frutos de toda e qualquer ação (“**tyaga**”, segundo a mesma fonte), outra formulação dos quais encontramos no aparente confronto entre a doutrina paulina da “justificação pela fé” (cf. **Romanos, 1: XVII**)

e a afirmação, também paulina, da salvação pelas obras (cf. **Romanos, 3: XXVII**).

Inserem-se as questões da reforma íntima e da necessidade premente de, a partir de um apurado questionamento ético, no estamento espiritual, não mais se conceder, utilitariamente que seja, à sempre presente futilidade, ao interminável salvar de aparências. Ser espiritual precisa estabelecer-se como um “must”, algo “última moda”, por assim dizermos, “chique”, observado e apreciado nas ruas e nos salões. Impõe-se mostrar a modernidade desse procedimento. Como escreveu Pietro Ubaldi, **‘sede modernos, ultramodernos, e vislumbrareis o espírito, que é a realidade do amanhã, e o tocareis com o raciocínio, com o refinamento de vossos órgãos nervosos, com o progresso de vossos instrumentos científicos.’**(Ap. “A Grande Síntese”, p. 26, 13^a ed. Fundapu).

Se, como disse Proust (“**A la Recherche du Temps Perdu**”, vol. I, p. 24), “a nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio”, é possível o nosso aprimoramento enquanto pessoas, inserindo na sociedade, a partir do convívio, os valores fundamentais, valendo-nos de métodos e modismos que ela tanto acalenta. Precisamos empregar a vaidade social em benefício do Espírito. O sistema admite isso, na medida em que, diabólico embora, é extremamente inteligente e não pode negar a sua própria qualidade positiva fundamental.

Lembrando, ainda uma vez, aquele mesmo pensador italiano: **“O espírito está aí, à espera, e fará vibrar as civilizações futuras.”** (*Op. Cit., loc. Cit.*).

"A Ciência e a Religião

Infelizmente, se a Ciência e a Religião constituem as forcas matrizes de esclarecimento das almas, vemos uma empoleirada na negação absoluta e a outra nas afirmações arriscadas e absurdas. A Ciência criou a academia, e a religião sectarista criou a sacristia; uma e outra, abarrotadas de dogmas e preconceitos, repelindo-se como pólos contrários, dentro dos seus conflitos têm somente realizado separação em vez de união, guerra em vez de paz, descrença em vez de fé, arruinando as almas e afastando-as da luz da verdadeira espiritualidade.

Entre a força de um preconceito e o atrevimento de um dogma, o espírito se perturba, e, no círculo dessas vibrações antagônicas, acha-se sem bússola no mundo das coisas subjetivas, concentrando, naturalmente, na esfera das coisas físicas, todas as suas preocupações.”(“Emmanuel-Dissertações Mediúnicas”, pp. 146-7, ed. FEB)

Considerando as pretensões hegemônicas, sob despojamentos e sotainas diversos, Emmanuel critica, duramente, as posturas extremadas, que acabam por dar à Ciência o cunho de religião deturpada, e à Religião o de ciência atabalhoada. Temos, então, como resultado, as figuras explicitamente teratológicas da “sacrademia” e da “acacristia”. Hibridismos em cujo cipoal embrenham-se, com igual falta de jeito, adeptos do objetivismo e do subjetivismo metódico. Ao se dogmatizarem e afivelarem a máscara do preconceito, passaram a Ciência e a Religião, ambas, a desservir ao ideal consistente em fomentar não somente o bem estar, mas, principalmente, a evolução do homem. É a importação do preconceito, tributada na alfândega do Espírito.

A religião terminou gerando a Inquisição; e a ciência, a bomba. Mas ambas, como funções superiores do espírito, devem ousar opor-se à “força do preconceito” e ao “atrevimento do dogma”, presentes em seus setores e fileiras, e que são, no plano lingüístico, felicíssimas expressões por meio das quais o texto

mediúnico desanca a audácia do obscurantismo, não importa a fantasia sob a qual pretenda disfarçar-se.

Onde está o espírito farisaico, aí estão a hipocrisia e a intolerância. Deturpando o grande ideal do Conhecimento, o cientismo preconceituoso e o religiosismo dogmático têm-se, atrevidamente, erigido em “pedra de tropeço” (“**scandalon**”, em grego; escândalo), a fragilizar e, mesmo, a lançar por terra o ideal de paz dinâmica, cujo resgate o Espiritismo propõe, em benefício do aflito homem ocidental.

Nesse panorama, o oceano de preceitos e proibições (segundo Gamaliel, nos códigos farisaicos, 248 e 346, respectivamente) cria o atendimento formal divorciado da modificação interior, ou seja, da adesão autoconsciente ao impositivo de mudança. É, como se conhece em Direito, o observar as prescrições da Lei, para fraudar a Lei, os atender-lhe ao aspecto formal, para desatender-lhe à substância. Recurso da esperteza, por meio do qual se preservam as aparências, nelas se ocultando o desapareço à ordem.

Daquele incessante mimetismo, que, através dos tempos, tem sido a eficácia básica dos códigos de ética miúda, surge a visão utilitarista superior, com apoio na Moral e na Ética Cósmicas, substancialmente afirmativas, a dar sentido novo ao imperativo kantiano, que Erwin Schroedinger situou no campo do “declaradamente irracional.” (“**What is Life?**”, ed. **Cambridge University Press**), sem contudo lhe negar valor.

"O Trabalho dos Intelectuais

É por essa razão que de grandes responsabilidades se investem aqueles que se entregam na Terra aos labores espirituais sob todos os aspectos em que se nos apresentam; grandes serviços constam de suas incumbências e elevada conta lhes será solicitada dos seus afazeres sobre a face do planeta. Dolorosas decepções os aguardam na existência além-túmulo, quando menosprezam as suas possibilidades para o bem comum, fazendo de suas faculdades intelectuais objeto de mercantilismo, em troca de prebendas, as quais, augurando-lhes um porvir de repouso egoístico na vida transitória, os fazem estacionários e nocivos às coletividades, o que equivale a existências de provas amargas, entre prolongadas obliterações dos seus poderes de expressão.

“Não é que o artista e o pensador devam aderir a este ou àquele sistema religioso, ou alistar-se sob determinada bandeira filosófica; o que se faz mister é compreender a necessidade da tarefa de espiritualização, trabalhando no edifício sublime do progresso comum, colaborando na campanha de regeneração e de reforma dos caracteres, auxiliando todas as idéias nobres e generosas, em qualquer tempo, facção ou casta em que vicejem, espiritualizando as suas concepções, transformando a ação inteligente num apelo a todos os espíritos para a perfeição, desvendando-lhes os segredos da beleza, da luz, do bem, do amor, através da arte na Ciência e na Religião, em suas manifestações mais rudimentares.

“Que todos operem na difusão da verdade, quebrando a cadeia férrea dos formalismos impostos pelas pseudo-autoridades da cátedra ou do altar, amando a vida terrena com intensidade e devotamento, cooperando para que se ampliem as suas condições de perfectibilidade, convencendo-se de que as suas felicidades residem nas coisas mais simples.” (“Emmanuel - Dissertações Mediúnicas”, pp. 147-8, ed. FEB).

Sob prisma exclusivista, o intelecto é tão fator de descompassos e estranhezas quanto a fé voluntariosa.

O papel dos intelectuais, que, na civilização ocidental, mais se dedicam ao conhecimento discursivo, é decisivo na contenção do que Emmanuel, no texto de número 5, identificou como “atrevimento do dogma” e “força do preconceito”.

O conhecimento da verdade, único a libertar, por se opor à ignorância, responsável pelo aprisionamento, deve ser aplicado com sentido de utilidade espiritual, na medida em que este valor (“útil”) é discutido enquanto tal, exatamente por poder servir a qualquer dos valores éticos (Bem e Mal).

A influência nefasta de pensamentos veiculados com inteligência, mas instigando a perda de sentido e o desalento, tanto quanto aqueles outros, fomentadores do abandono do discernimento e do recurso ao dogmatismo, deve ser combatida também com inteligência, além de serenidade.

Ambas as posturas deságuam no fanatismo, cujas vítimas, lembrou-o **Ortega Y Gasset**, “redobram seus esforços, após haverem perdido de vista seus objetivos”.

E o objetivo apontado por Emmanuel é o trabalho a favor da espiritualização, constante e tranqüila, onde quer que estejamos, processo de essência, em **toda e qualquer** oportunidade, com respeito à individualidade alheia, compromisso com atitudes libertadoras e responsáveis, sem nenhuma transigência seja com os preciosismos intelectualistas, seja com o elementarismo obscurantista.

Como se vê, insta submeter o poderoso instrumental da fé e da razão humanas a uma visão de conjunto, para o que terá, talvez, sido empregada, na Codificação do espiritismo, a curiosa e mal compreendida expressão “fé raciocinada”, que parece enunciar uma contradição nos termos. O conflito semântico é, todavia, apenas aparente, e decorre dos sentidos mutuamente excludentes que, em geral, a língua empresta aos vocábulos “fé” e “razão”, que nela surgem antitéticos. Tal expressão (“fé raciocinada”) traduz um esforço de explicação de uma nova mentalidade dirigida ao mundo e à vida, opondo-se, tenazmente, aos extremos do intelectualismo e do fanatismo, bem associados,

por sua vez e respectivamente, ao cientismo e ao religiosismo. Segundo o Espiritismo, a fé não pode ser cega, nem a razão (ou, se quisermos, o intelecto) pode ser absolutamente vidente. Ambas complementam-se, na medida em que nenhuma delas, isoladamente, logra um enfoque mais preciso do próprio fenômeno humano-espiritual.

Fé raciocinada são, destarte, a razão e a fé que, afirmadas não globais em si mesmas, por isso se autolimitam e mutuamente atuam. Como seu escopo é o Conhecimento, cremos esteja aí uma grande proposta epistemológica do Espiritismo.

Visto isso, no campo da experiência e da vivência, impende insistir na necessidade de crescimento espiritual, pelo próprio uso da palavra --que, sendo também ação (carma), Hölderin afirmou ser capaz de ferir e de matar--, sem nos esquecermos do papel do exemplo, enquanto agirmos; deste, porém, olvidando, quando pilhemos o próximo em eventual descompasso com o correto agir que eventualmente pregue. O mau exemplo não pode continuar a ser visto como justificativa para o mau agir.

"A Fé ante a Ciência"

Mas, como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivaleram a 'estagnações isoladas'. Se conseguiram satisfazer à Humanidade em um período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia. "A Ciência desvendou ao espírito humano as perspectivas inconcebíveis do Infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades da natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobrira o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos seus atributos exclusivamente humanos; as Igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e

escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a grandeza do seu ensinamento, dirigindo-se não só ao coração, mas igualmente ao raciocínio. O céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir.” (“Emmanuel - Dissertações Mediúnicas”, pp. 142-, ed. FEB)

Texto produzido em 1937, integra a obra “*Emmanuel-Dissertações Mediúnicas*”, que se divide em duas partes: “*Doutrinando a Fé*”, com 12 (doze) dissertações; “*Doutrinando a Ciência*”, com 24 (vinte e quatro) explicações.

Este, que poderíamos apelidar de “Emmanuel I”, é o analista direto, quase sem recurso a perífrases, a circunlóquios, preocupado em dissecar os vícios em que incidiram a Fé e a Ciência, a primeira decaindo no espírito de seita, pautando-se pelo dogmatismo no culto e pelo elementarismo no conhecimento; a segunda, enclausurando-se na torre-de-marfim de um pretense objetivismo, há muito tempo repensado por Karl Popper, e descartando, aprioristicamente, temas batizados de credices.

Ao colocar a Fé ante a Ciência, destaca esse grande Espírito o papel iconoclasta originário, que tocou a esta, como meio de desarticular rançosos artigos de fé, a traduzirem posturas mentais responsáveis por dezenas de séculos de farta contribuição ao obscurantismo e ao atraso.

“(…) O laboratório obscureceu a sacristia”, enfatiza a lúcida entidade espiritual, e desmontou o divinismo antropomorfista, que irradiava e ainda irradia, em menor escala, porem, a sua influencia sobre a laicidade, por meio do exercício de poder da sotaina.

Nesse momento, quando a reação do beatério não hesitou em queimar livros, espíritas, inclusive, na espantosa fogueira do “Auto de Fé de Barcelona”, por entre cujo crepitar vozes esclarecidas bradavam “abaixo a Inquisição”, o Espiritismo firmou-se, através do trabalho levado a cabo por Allan Kardec, apresentando-se como ciência experimental, cujo objeto é o estudo de fenômenos verificados na humanidade, ao longo de milênios, presentes nos relatos de todas as religiões, e

indissociáveis da profunda alteração pessoal que sua compreensão imprime.

Ordenadamente, em conjunto, tomou o “outro lado” a iniciativa de apresentar-se ao “mundo dos vivos”, com tal força que quem quer que entenda o significado do fato não mais poderá ser o mesmo.

No plano evolutivo, apareceu Darwin, e, tempos depois, a evolução do pensamento científico abalou a hegemonia do universo-engrenagem, conforme assentara, em triunfo, o mecanicismo herdado de Newton, transformando-o em teoria limite de outras, e introduzindo o universo-inteligência, no qual a lei natural da reencarnação dá sentido à imortalidade, consolando, sim, mas, principalmente, despertando.

Sob esse aspecto, vem à luz um universo-participação (cf. comentário ao texto 1), na genial formulação de **Niels Bohr**, **Werner Heisenberg** e **Max Born**, dentre outros. Acerca dessas idéias escreveu ainda **Erwin Schroedinger**: **“Se isso estiver certo –e possivelmente está-, é franco desafio ao princípio da compreensibilidade da natureza. (...) Somos levados a perceber que, sob o impacto de nossos refinados métodos de observação e de reflexão acerca dos resultados de nossos experimentos, ruiu aquela misteriosa fronteira entre sujeito e objeto.” (Op. Cit.)**

Falta, agora, ruir a fronteira entre nós e... nós.

“Missão do Espiritismo

A missão do Espiritismo, tanto quanto o ministério do Cristianismo, não será destruir as escolas de fé, ate agora existentes. (...)

“A Doutrina dos Espíritos apoia os princípios superiores de todos os sistemas religiosos. (...)

“O Espiritismo é, acima de tudo, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos.” (...)

“O Espiritismo será, pois, indiscutivelmente, a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida.”(...)

“Interfiramos menos na regeneração dos outros e cogitemos mais de nosso próprio reajuste, perante a Lei do Bem Eterno (...)” (“Roteiro”, pp. 159, 161, ed. FEB)

Considerado o respeito que se impõe às opções religiosas alheias, Emmanuel destaca a função do Espiritismo, que *“(...) é, acima de tudo, o processo libertador das consciências (...)*”.

E, enfatizando-lhe o papel de reformador do mundo íntimo (*“interfiramos menos na regeneração dos outros e cogitemos mais de nosso próprio reajuste (...)*”), lembra ter o Espiritismo uma grande finalidade: fazer com que *“(...) a visão do homem alcance horizontes mais altos”*.

Para isso, não é necessário destruir *“(...) as escolas de fé, até agora existentes”*, que são importantes para os que nelas se acham integrados, porquanto se identificam, pessoalmente, com suas propostas e seu colorido, mesmo porque os princípios superiores que eventualmente consagram devem ser reforçados.

Haveria, então, alguma diferença entre o Espiritismo e tais “escolas de fé”?...

A resposta é positiva, na medida em que, como já vimos, o Espiritismo, com sua individualidade, de complexidade ontológica, postula uma epistemologia própria, com as implicações decorrentes da chamada “fé raciocinada”. É uma intersecção entre conjuntos dotados de expressões anímicas

aparentemente díspares, tais como a referência à Moral Cósmica e à investigação científica do Espírito

No plano moral e ético, o pensamento de Emmanuel fica sumariado nesta proposição do texto: “*O Espiritismo será, pois, indiscutivelmente, a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida*”.

Ora, também como ciência do Espírito, engendra uma **doutrina filosófico-moral** que nos fala, diretamente, da preexistência e sobrevivência da individualidade espiritual aos processos físicos de nascimento e de morte, da sua comunicabilidade com nossa esfera de vida e da reencarnação (que dá sentido prático à imortalidade).

Assim, bem entendido, o Espiritismo não é mais uma “escola de fé”, apresentando-se, sim, como um resumo ocidentalizado de uma grande gnose que leva em consideração o chamado “homem integral”, alguns de cujos princípios reitores encontram-se também no Evangelho, com seu texto dirigido à quintessência humana, divina em si mesma e atualizando-se no curso evolutivo, que parte do espírito e a ele retorna, aperfeiçoada.

Essa, a verdade que nos é apresentada, sem nenhum circunlóquio.

É preciso, sem sombra de dúvida, respeitar os princípios superiores das escolas de fé existentes; mas, não nos esqueçamos de respeitar, acima de tudo, “*o processo libertador das consciências*”, que é o Espiritismo.

“Experiência que Fracassaria

O sentimento religioso é a base de todas as civilizações. Preconiza-se uma educação pela inteligência, concedendo-se liberdade aos impulsos naturais do homem. A experiência fracassaria. É ocioso acrescentar que me refiro aqui à moral religiosa, que deverá inspirar a formação do caráter e do instituto da família, e não ao sectarismo do círculo estreito das Igrejas terrestres, que costumam envenenar, aí no mundo, o ambiente das escolas públicas, onde deverá prevalecer sempre o mais largo critério de liberdade de pensamento. Falo do lar e do mundo íntimo dos corações.

O dia em que a evolução dispensar o concurso religioso para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem, a Humanidade inteira estará integrada na religião, que é a própria verdade, encontrando-se unida a Deus, pela Fé e pela Ciência então irmanadas.”
(“Emmanuel - Dissertações Mediúnicas”, p. 36, ed. FEB)

Emmanuel não afirma que toda civilização esteja alicerçada na religião, mas, sim, no sentimento religioso, que corresponde a uma das funções superiores do espírito, em sua constante apreensão do contorno.

Importa, assim, muito pouco, o rotulo, a etiqueta religiosa que se adote; o fundamental é a equação que montemos, com vistas a tal apreensão.

Sem dúvida, porém, ecoando o impulso gregário que nos norteia (cf. perguntas 766 a 768, de “O Livro dos Espíritos”), aproximar-nos-emos uns dos outros pelos objetivos eleitos, e segundo o instrumental de aproximação do mundo que melhor sejamos capazes de compreender.

Não significa isso que, em sua variedade, tudo se mescle e confunda, resultando em mesmas eficiência e eficácia; não o cremos seja assim.

Com efeito, tanto quanto um instrumental matemático permita a descrição e a abordagem de uma dada gama de

fenômenos físicos, ou químicos, apurando-se, todavia, para, cada vez mais simples e condensado, abarcar maior gama de eventos, na medida em que isso se revele possível, assim também os conceitos de que nos valhamos, na órbita do sentimento religioso, de si mesmo voltado para a totalidade, permitir-nos-á um maior ou menor, melhor ou pior contato com ela.

As religiões não são todas iguais, senão enquanto manifestações do sentimento religioso.

Quanto mais restrita e/ou sectarista uma religião se exhibir, mais distante estará da fonte. E essa fonte não é um conjunto escriturístico; é, pensamos, o conjunto de dados cognitivos do qual os textos nasceram.

Alguns instrumentos prestam-se, eficiente e eficazmente, para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem” ; outros, nem tanto; outros, por fim, só fazem obscurecê-los, complexificá-los e torná-los em empecos para o crescimento espiritual.

"Não Furtar

Diz a Lei: ‘não furtaras’.

Sim, não furtaras o dinheiro, nem a fazenda, nem a veste, nem a posse dos semelhantes.

Contudo, existem outros bens que desaparecem, subtraídos pelo assalto da agressividade invisível que passa, impune, diante dos tribunais articulados na Terra.

Há muitos amigos que restituem honestamente a moeda encontrada na rua, mas que não se pejam de roubar a esperança e o entusiasmo dos companheiros dedicados ao bem, traçando teias de amargura e desanimo, com as quais favorecem a vitória do mal.

Muitos respeitam a terra dos outros; entretanto, não hesitam em dilapidar-lhes o patrimônio moral, assestando contra eles a maledicência e a calúnia.

Há criaturas que nunca arrebataram objetos devidos ao conforto do próximo; contudo, não vacilam em surripiar-lhes a confiança.

E há pessoas inúmeras que jamais invadiram a posse material de quem quer que seja; no entanto, destróem, sem piedade, a concórdia e a segurança do ambiente em que vivem, roubando tempo e a alegria dos que trabalham.

‘Não furtaras’ -estatui o preceito divino.

É preciso, porém, não furtar nem os recursos do corpo, nem os bens da alma, pois que a consequência de todo furto é prevista na Lei.”
(“Justiça Divina”, pp. 21/2, ed. FEB)”

Texto de caráter nitidamente ético, nele Emmanuel estrema do comportamento delituoso descrito na Lei Penal a infração aos princípios de espiritualidade, inscritos na consciência (cf. **“O Livro dos Espíritos”**, questão número 621).

Nele, fica muito claro que a ampla categoria dos indiferentes penais estão, eles também, sempre encharcados de significado e sentido espiritual. O carma é algo muito mais amplo, vasto mesmo, do que a causalidade necessária à categorização da ação ilícita, seja sob a luz do Direito Civil e do Direito Administrativo, seja, ainda mesmo, na órbita do Direito Penal. Faz sentido a assertiva de acordo com a qual o este ramo do Direito Público traduz um mínimo do mínimo da Ética...

Se a própria convivência social torna palpável o impositivo do respeito aos diplomas legais, como atitude minimamente civilizada, a estender-se por tênue linha demarcatória das primeiras províncias da barbárie, é a reflexão acerca dos motivos e dos fins de uma tal convivência que nos impõe abstermo-nos do “furto espiritual”.

A norma legal é heterônoma, aplica-se de fora sobre esse ou aquele comportamento, nessa ou naquela área do Direito; a norma moral é, ao invés, autônoma, aplica-se no mundo íntimo, de acordo com posturas da consciência, embasando, porém, a assunção desse ou daquele modo de ser e de agir.

Assim, a realização da justiça consiste, no cotidiano, em reconhecimento do direito alheio, de modo espontâneo, voluntário ou imposto. Os dois primeiros acham-se diretamente vinculados à

postura íntima; o último é a solução dada, de fora, pelos Juízos e Tribunais, devidamente provocados.

Mas a implementação da justiça profunda, com raízes cravadas na matéria da Ética e da Moral Cósmicas, reclama sensibilidade apurada na percepção de si mesmo e do próximo, como destinatário de nossa reverência espiritual, impondo-se nele objetivarmos a mesma consciência que somos.

As diferenças reclamam-se acessórias. É preciso, sim, respeitá-las, enquanto estilos de entender a vida; não como substância, que não são.

A Lei Cósmica de Conhecimento, que é, também, um conjunto de princípios de Reconhecimento, ao mesmo tempo em que fomenta em nós, interiormente, a noção de unidade, brada, pelos outros e por nós, o imperativo da mutualidade. Metodologicamente é, portanto, de disciplina heterônoma.

Quer isso significar que vibra na consciência e condiciona e educa, por meio de efeitos qualitativos, o que dispensa a necessidade da lembrança, ou seja, da quantidade de memória. Assim talvez se comece a explicar o papel educador da espontaneidade, atribuído ao esquecimento reencarnatório (**ap. Ernst Cassirer**).

Há os que já optaram por não cometerem delitos, prestando homenagem à convivência minimamente harmoniosa, sem o que o tecido social rasgar-se-ia; mas, acima de tudo, existem os que já se motivaram a reverenciar a Lei Espiritual da Vida, para os quais não basta não furtar pertences alheios, e para quem é inadiável não privar ninguém de seus direitos de Espírito.

Os primeiros nada fazem, além de não descumprirem um dever espiritual, com o que amenizam sua peculiar expressão, no jogo de causa e efeito; os outros, porém, dão um passo bem maior, quando refinam a própria ação, qualificando-a pela aceitação do próximo como cada um deles ainda é: um misto de acertos e erros.

Tirar essa média e ponderá-la com a nossa própria, esse é um sério problema.

"Crenças

Declara Allan Kardec: ‘A crença é um ato de entendimento que, por isso mesmo, não pode ser imposta.’ (...)

Excessos dogmáticos, lances de fanatismo, opiniões prepotentes, medidas de intolerância e injúrias teológicas podem hoje ser considerados por enfermidades das instituições humanas, destinadas a desaparecer com a terapêutica silenciosa da evolução e do tempo, embora constituam para todos nós, os espíritas-cristãos encarnados e desencarnados, constantes desafios a mais amplo serviço na sementeira da luz.

Sabemos que a individualidade consciente é responsável pelos próprios destinos; que a Lei funciona em cada espírito, atribuindo isso ou aquilo a cada um, conforme as próprias obras; que Deus é o Infinito Amor e a Justiça Perfeita, e que as forças do Universo não acalentam favoritismo para ninguém. Todavia, conquanto sustentando a fé raciocinada, nos alicerces do livre exame, cabe-nos, sem qualquer atitudelouvaminheira para com os tabus e preconceitos que ainda enxameiam no campo religioso da Terra, o dever de clarear o caminho dos nossos irmãos de Humanidade, em bases de auxílio, de vez que o Criador concede à criatura os meios indispensáveis para que efetue, por si mesma, a própria libertação.

É por isso que Jesus proclamou: ‘Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres.’

Não disse o Mestre que o mundo já conhecia a verdade, nem precisou a ocasião em que a verdade será geralmente conhecida entre os homens. Mas dando a entender que a verdade é luz divina, conquistada pelo trabalho e pelo merecimento de cada um, afirmou, simplesmente: conhecereis”. (“Justiça Divina”, pp. 175-6, ed. FEB)

A transcrição (primeiro período, item 23, capítulo VI, 1ª parte de **“O Céu e o Inferno”**) vem a propósito do alerta, dado por Allan Kardec e aqui ecoado por Emmanuel, contra a postura

dogmática, fanática, prepotente, intolerante e desequilibrada, em qualquer campo do relacionamento humano, especialmente no terreno propício das estruturas religiosas.

No contexto originário, refere-se o codificador ao dogma das penas eternas, que o Espiritismo veio desmistificar.

Importante a abordagem de Emmanuel, aconselhando, de acordo com princípios doutrinários autênticos, o trabalho do tempo, que silenciosamente desarticula a viciação despótica de pessoas e teorias, pródigas em frases feitas, ameaças escatológicas e reprovações imperiais, mas avaras de argumentos sólidos, simples bom senso e mera intuição de convivência.

“Excessos dogmáticos, lances de fanatismo, opiniões prepotentes, medidas de intolerância e injúrias teológicas” são lançadas no rol das “enfermidades das instituições humanas”, consistindo, todavia, em “constantes desafios a mais amplo serviço na sementeira da luz”, “para nós, os espíritas-cristãos encarnados e desencarnados.”

Lograssem tais viroses insidiosas impor-se ao Espiritismo, e corresponderiam ao “atrevimento do dogma” (cf. texto anterior), transformando o Centro Espírita em versão arrevesada da sacristia, onde padres sem sotaina, à maneira de ferozes pastores, deitariam o cajado torto no lombo das ovelhas, ao primeiro balido de dúvida.

Não seria difícil concluir que, em pouco tempo, bateriam elas em retirada, preferindo, por certo, medir-se com o lobo em pele de lobo, junto ao qual, se não conseguissem salvar a pele de cordeiro, por certo preservariam o coração de ovelhas.

O papel do Espiritismo não é o de pregar a rápida separação entre joio e trigo, hoje que aprendemos a preferir o segundo, pois é provável que, até ontem, estivéssemos refestelados nas poltronas do primeiro; cumpre-nos, sim, ensinar os métodos e técnicas de discernimento entre um e outro, para que cada indivíduo, tocado pela mensagem libertadora, prepare o seu pão, ao acalento do Amor (o grande método) e do Conhecimento (a grande técnica).

Só o conhecimento da verdade liberta, porquanto é ele que se opõe à ignorância. Dogmatismo é ignorância, fanatismo é

ignorância, prepotência é ignorância, agressividade é ignorância. Permaneceremos escravos destes flagelos, enquanto não nos convenceremos de que é preciso respeitar os diversos graus de maturidade, sem abdicar do nosso, que nos pede fazer luz; não atear fogo.

“E meditando...

Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontra, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milênios”. (“Há Dois Mil Anos”, p. 86, ed. FEB)

O pequeno período do texto de Emmanuel, traduz o aspecto em que o livre arbítrio é, por ora, pleno: o da opção pelo agir. Diante do carma, todos somos livres para tomarmos essa ou aquela atitude.

É certo que ainda não reunimos as condições necessárias e suficientes para criar, conscientemente, a matriz de caminhos prováveis dos acontecimentos. Isso é característica daqueles Espíritos chamados por André Luiz de "cocriadores em plano maior".

Nosso atuar ainda não é cem por cento vidente; somos espiritualmente míopes, nossa objetiva mental-emocional está contaminada pelos fungos da ignorância e do egoísmo, que, mais ainda, deturpam a imagem das coisas.

Mas, quando as oportunidades se corporificam, sempre há margem de aproveitamento, em maior ou menor medida... quase um “pegar ou largar”.

No caso de Publio Lentulus, que é o referenciado no excerto, a oportunidade materializou-se ali, naquele momento; a opção correta restou, porém, diferida no tempo.

De um modo geral, optamos por tudo aquilo com que nos sintonizamos. A lei de sintonia espiritual é uma dentre tantas, no quadro da grande Moral Cósmica. A escolha, todavia, só depende

de nós que, afinal, somos os projetistas e executores de nós próprios.

Se ainda somos espiritualmente míopes, astigmáticos ou estrábicos, cumpre-nos buscar a consulta ao Divino Oftalmologista, assim como corremos aos esculápios da óptica, aos primeiros sintomas de perturbação visual.

Sempre virá o dia em que o “ponto de referência” surgirá, para que nos reequilibremos. Esse socorro é recorrente, assim como recorrente tem sido nossa recusa em aceitá-lo.

É hora de mudar.

"Nos Círculos da Fé

Acende a flama da reverência, onde observes lisura na idéia religiosa.

Lembre-mos, com o devido apreço aos irmãos que esposam princípios diferentes dos nossos, de que existem tantos modos de expressar confiança no Criador quantos são os estágios evolutivos das criaturas. (...)

(...) Contudo, não lhes abrases as ilusões, a pretexto de honorificar a fraternidade, porque a verdadeira fraternidade se movimenta a favor dos companheiros de evolução, clareando-lhes o raciocínio sem violentar-lhes o sentimento.

É preciso não engrossar hoje as amarras do preconceito, para que o preconceito não se faça crueldade amanhã, perseguindo em nome da caridade ou supliciando em nome da fé.

Se a Doutrina Espírita já te alcançou o entendimento, apoiando-te a libertação interior e ensinando-te a religião natural da responsabilidade com Deus em ti mesmo, recorda a promessa do Cristo: -Conhecereis a verdade e a verdade, afinal, vos fará livres.” (“Justiça Divina”, pp. 71/2, ed. FEB)

No comentário ao texto número 11, procuramos destacar a crítica lançada por Emmanuel aos comportamentos dogmático, fanático, prepotente e intolerante, verificados em círculos

religiosos, e de serem evitados, a todo custo, no que diz respeito à prática do Espiritismo.

No complexo trato com qualquer expressão de poder, ainda a mais mínima, pessoas menos alertas relativamente às sutilezas do comportamento humano talvez chegassem a concluir que, por não devermos absorver aquelas viciações comportamentais, razoável seria, **ipso facto**, aplaudirmos deturpações dos princípios que integram o núcleo do Espiritismo, em nome da fraternidade e/ou do ecumenismo.

Não é, porém, isso o que aquele texto sufraga. Menos ainda a mensagem sob comento.

Reside a questão, a nosso sentir, nos padrões de descortino que o Espiritismo propicia, abrindo um leque de propostas libertárias, relativamente às quais não é recomendável fazerem-se concessões, sob o risco, bastante acentuado, de descaracterização do Espiritismo como tal.

Impõe-se, destarte, respeitar (aliás, o substantivo é “reverência”, bem mais denso do que “respeito”) a idéia religiosa alheia, posta com lisura, mesmo porque, não sendo o Espiritismo uma religião no sentido estrito, e dispensando hierarquias, não expede cânones procedimentais, fora dos quais as ovelhas cairiam em “pecado”...

Tais manifestações religiosas traduzem, no dizer de Emmanuel, “(...) modos de expressar confiança no Criador”, de acordo com o estágio evolutivo individual. Assim devem ser encaradas e reverenciadas, desde que não baseadas na hipocrisia.

O Espiritismo, dotado de personalidade própria, é, todavia, um poderoso **acelerador evolutivo**, que, longe de manter o homem gravitando, mais ou menos hipnotizado, entre os empuxos da caridade beneficente e da moralidade miúda, lança-o em direção à reforma interior, que dá sentido espiritual às atitudes exteriores, quebrando grilhões e banindo preconceitos.

Mais uma vez ressaltando a importância crucial do conhecimento, enfeixa Emmanuel o seu raciocínio, com a seguinte dicção: “Se a Doutrina Espírita já te alcançou o entendimento, apoiando-te a libertação interior e ensinando-te a religião natural da responsabilidade com Deus em ti mesmo,

recorda a promessa do Cristo: -Conhecereis a verdade e a verdade, afinal, vos fará livres.”

É preciso procurar compreender a parada no literalismo, escriturístico ou não, como o recurso à muleta, onde as pernas estejam enfraquecidas ou não tenham movimento.

Mas não será bom regredirmos, adotando escoras mentais e/ou emocionais, a pretexto de ajudar. Nem reduzir a poderosa estrutura libertadora que temos em nossas mãos, seja em nome de um ecumenismo deturpador, seja no de uma fraternidade refratária ao impulso evolutivo.

O conhecimento é, de fato, o grande antídoto contra o temor e a temeridade.

A Terra.

(...) De corpo em corpo, como quem se utiliza de variadas vestiduras, peregrina o Espírito, de existência em existência, buscando aquisições novas para o tesouro de amor e sabedoria que lhe constituirá divina garantia no campo da eternidade.

Podemos, ainda, filosoficamente, classificar o Planeta, com mais propriedade, tomando-o por nossa escola multimilenária.” (...)

(...) “E, ante a grandeza infinita da vida que nos cerca, não passamos de crianças no conhecimento superior.”(...)

(...) “Ninguém se engane, julgando mistificar a Natureza.

O trabalho é divina lei.

Pesquisar indefinidamente, na maioria das vezes é disfarçar a preguiça intelectual.

A vida, porém, é ciosa dos seus segredos e somente responde com segurança aos que lhe batem à porta com o esforço incessante do trabalhador que deseja para si a coroa resplendente do apostolado no serviço.” (“Roteiro”, pp. 39-41, ed. FEB)

Começa Emmanuel abordando a reencarnação e situando-a como lei da natureza, na melhor tradição do Espiritismo codificado.

A questão, com efeito, não pertence basicamente ao terreno da crença, e o Espiritismo trata-a como ocorrência genérica na evolução humana, exatamente como o faz a **“Bhagavad-Gita”** (Capítulo IV).

A vida na Terra, ambiente classificado como “escola multimilenária”, reúne Espíritos e grupos de Espíritos díspares, os quais, há milênios, vimos e vamos, privados de consciência contínua, sem perceber a causa de nossa infelicidade: a atribuição de realidade plena ao que é transitório. Aqui, ombreamos uns com os outros, num mesmo espectro de frequência em que se manifesta nosso contorno e nosso existir.

Considerando o entrelaçamento de vontades, chega a ser espantoso que tudo, em síntese, funcione, sem maiores perturbações de momento a momento.

Observa-se, efetivamente, uma ordem habilíssima, sustentando a aparente desordem, como se esta fosse prevista, enquadrada e efetivamente útil ao fim colimado.

Enfatiza-se, destarte, e mais uma vez, a necessidade de buscarmos o conhecimento, para o que se impõe o trabalho, também como dado da Natureza.

Fugir a isso é tentar mistificá-la, com o que apenas estaremos, como afirmou Nietzsche, praticando a mais comum das mentiras: aquela que pregamos a nós mesmos, já que mentir para os outros é exceção. Somos prisioneiros de nossa ilusão de habilidade.

Não basta, porém, como explicita o texto, “pesquisar indefinidamente”... Isso equivalerá, “na maioria das vezes”, a “disfarçar a preguiça intelectual”.

Ou seja, não é suficiente a constante indagação pela indagação, com o que furtamos o tempo alheio, para gáudio de nossa doentia desmotivação relativamente ao trabalho verdadeiramente intelectual.

É mais fácil perguntar indefinidamente, multiplicar os questionamentos pelo simples prazer fútil de questionar; mais

fácil do que observar com zelo e dar-se ao esforço pessoal de ajustar a ótica por meio da qual enxergamos a vida.

Ninguém mistifica a natureza... É a grande constatação do texto. E a resposta somente é dada aos que perguntam com honestidade intelectual.

Os demais seguirão, de vida em vida, como “cegos guiando cegos”, a trancos e barrancos, até que queiram ver. Só quem tem ouvidos de ouvir ouve... Só quem tem olhos de ver vê.

"O Espiritismo na Atualidade.

(...) Desdobrando o painel das responsabilidades que a vida nos confere, o novo movimento de revelação implica abençoado e compulsório desenvolvimento mental.

A permuta com os círculos de ação dos desencarnados compele a criatura a pensar com mais amplitude, dentro da vida.

Novos aspectos da evolução se lhe descortinam e mais rico material de pensamento lhe enriquece os celeiros do raciocínio e da observação."

(...) “Urge o estabelecimento de recursos para a ordenação justa das manifestações que dizem respeito à nova ordem de princípios que se instalam vitoriosos na mente de cada um.

E, para cumprir essa grande missão, o Evangelho é chamado a orientar os aprendizes da ciência do espírito, para que, levianos ou desavisados, não se precipitem a imensos resvaladouros de amargura ou desilusão.”
(“Roteiro”, por Emmanuel, pp.96/7, ed. FEB)

Bem definindo o papel do Evangelho no Espiritismo, Emmanuel dá seqüência ao pensamento de Allan Kardec, que, dos textos referenciados, selecionou a essência da Lei Moral Cósmica, tal como nos chegou, a partir do pensamento expresso de Jesus.

O Espiritismo, codificado a partir do fenômeno espírita, surge e se afirma como ciência do Espírito, apoiada em

importante reflexão filosófico-moral, o que lhe fixa o chamado “tríplice aspecto”.

Inserido no quadro das leis da natureza, como temos insistido, cujo mecanismo causal eficiente, neste ponto, há de ser devidamente equacionado, o fenômeno espírita chama-nos a atenção para o próprio significado de nossa existência.

Daí, a tremenda aptidão renovadora de sentido e perspectiva de que o “núcleo espírita” (sobrevivência/preexistência do Espírito à morte/nascimento, comunicabilidade interdimensional, reencarnação e carma), bem assimilado e, sobretudo, internalizado, se investe.

O trato com o que Emmanuel chamou de “novos aspectos da evolução” demanda intensa revisão no panorama de dogmas e preconceitos socialmente sedimentados pela pouca reflexão acerca do significado da Vida e pelo padrão vigente (materialista, reducionista, imediatista), sustentáculo da própria sociedade de consumo, que dissemina seus apelos, de momento a momento.

A crescente preocupação com a **sobrevivência não metafórica** (primeiro dado da “nova ordem de princípios que se instalam vitoriosos na mente de cada um”), comparada com o culto da permanência na memória, liricamente exaltada em textos literários diversos, sacode o indivíduo, remove-lhe referenciais e capacita-o a romper a inércia cármica, ao mesmo tempo em que estimula a interação com os desencarnados, habitantes de um outro domínio da realidade.

Para garantir harmonia de todo esse complexo e, não raro, relativamente penoso processo (a mudança costuma produzir sensação de perda), “(...) *o Evangelho, dentro de um nítido recurso técnico, a levar em conta a tradição da massa ocidental de pessoas, é chamado a orientar os aprendizes da ciência do espírito, para que, levianos ou desavisados, não se precipitem a imensos resvaladouros de amargura ou desilusão.*”

O Espiritismo procedeu a um grande e preciso corte na tradição científico-filosófico-religiosa, que, a partir do que tem sido dito “correto”, configurou o grande disfarce para o vazio de sentido que assombra o mundo de hoje.

“Evangelho e Exclusivismo

Quase todos os santuários religiosos divididos entre si, na esfera dogmática, isolam-se indebitamente, disputando privilégios e primazias. E até mesmo nos círculos da atividade cristã, o espírito de exclusivismo tem dominado grupos de escol, desde os primeiros séculos de sua constituição. (...)”

(...) “Cristo nunca endossou o dogmatismo e a intransigência por normas de ação.”(...)

(...) “A intolerância jamais compareceu ao lado de Jesus, na propagação da Boa Nova.

O isolacionismo orgulhoso, na esfera cristã, é simples criação humana, fadado naturalmente a desaparecer, porque, na realidade, nenhuma doutrina, quanto o Cristianismo, trouxe, até agora, ao mundo atormentado e dividido os elos de amor e luz da verdadeira solidariedade.” (“Roteiro”, pp. 79-80/1, ed. FEB)

Insistimos em que o Evangelho não é um código de regras de moralidade relativa, do tipo a que aludiu Voltaire, ao dizer: **“se fosse possível colocar-se em uma única sacola tudo o que, permitido aqui, é proibido alhures, a sacola estaria permanentemente vazia”**. Cuida-se, isto sim, de um condensado de princípios de ação e reação cósmicas, no círculo da Moral e da Ética permanentes, preservando o que os hindús chamam de **“dharma”** (sob certa angulação, a lei única da correção espiritual), melhor exemplo do que não haverá para além do espantoso “Sermão no Monte”, que **Gandhi** reconheceu como quintessência do Cristianismo.

No texto, Emmanuel, mais uma vez, aponta o erro do dogmatismo, que provoca o isolamento, que evolui para o isolacionismo (isolamento sistemático, como filosofia de vida), corolário do egoísmo temperado com intransigência.

Decorrência desse recolhimento a notórias e lamentáveis torres-de-marfim é a presunção exclusivista, que separa a religião das fontes da fé (religiosidade), criando hierarquias e castas, além

de exterioridades várias, que aborrecem a simplicidade não banal e complicam verdades triviais, decorrentes da simples observação ponderada dos fatos.

Porque criem mecanismos rebarbativos de atuação, negando a aceitação do próximo como produto, também, de nossas expectativas (cf. **Proust**, já citado), o dogmatismo e a intransigência jamais integraram a filosofia de ação exemplificada por Jesus.

Foi apenas no tocante aos Fariseus que o Grande Mestre mostrou-se, não intransigente, nem dogmático, mas incontornável e inapelavelmente restritivo e duro.

O farisaísmo representa a quintessência da hipocrisia, a negação da transparência, da fraternidade sincera, a recusa à sinceridade fraterna, a adesão ao oportunismo e, finalmente, o refinado descompromisso com o sentido espiritual da própria vida, com a adesão às sombras da indefinição.

Tolerante com a aparência e intolerante com a substância, o espírito farisaico interrompe, onde surja, “os elos de amor e luz da verdadeira solidariedade”. Por meio dele, celebra-se a impermanência, com requintes de despreço por tudo o que seja espiritualmente essencial.

Impõe-se, por isso, combater os vícios expostos no texto, na medida em que eles são focos de apodrecimento no cesto de frutos cultivados com os cuidados do bom pomicultor. Esgarça o delicado tecido da alma, agudizando o imediatismo e justificando, com as aparências da correção meramente formal, a série de adaptações compromissadas tão-somente com as concessões aos cuidados do século.

Evangelho não combina com exclusivismo. Nem Espiritismo com dogmatismo.

“A Cortina do Eu

**Por que todos buscam o que é seu e não o que é do
Cristo Jesus.-
Paulo (Filipenses, 2:21)**

Em verdade, estudamos com o Cristo a ciência divina de ligação com o Pai, mas ainda nos achamos muito distantes da genuína comunhão com os interesses divinos.

Por trás da cortina do “eu”, conservamos lamentável cegueira diante da vida.

Examinemos imparcialmente as atitudes que nos são peculiares nos próprios serviços do bem, de que somos cooperadores iniciantes, e observaremos que, mesmo aí, em assuntos da virtude, a nossa percentagem de capricho individual é invariavelmente enorme.

A antiga lenda de Narciso permanece viva, em nossos mínimos gestos, em maior ou menor porção.

Em tudo e em toda parte, apaixonamo-nos pela nossa própria imagem.

Nos seres mais queridos, habitualmente amamos a nós mesmos, porque, se demonstram pontos de vista diferentes dos nossos, ainda mesmo quando superiores aos princípios que esposamos, instintivamente enfraquecemos a afeição que lhes consagrávamos.

Nas obras do bem a que nos devotamos, estimamos, acima de tudo, os métodos e processos que se exteriorizam do nosso modo de ser e de entender, porquanto, se o serviço evolui ou se aperfeiçoa, refletindo o pensamento de outras personalidades acima da nossa, operamos, quase sem perceber, a diminuição do nosso interesse para com os trabalhos iniciados.

Aceitamos a colaboração alheia, mas sentimos dificuldade para oferecer o concurso que nos compete.

Se nos achamos em posição superior, doamos com alegria uma fortuna ao irmão necessitado que segue conosco em condição de subalternidade, a fim

de contemplarmos com volúpia as nossas qualidades nobres no reconhecimento de longo curso a que se sente constrangido, mas raramente concedemos um sorriso de boa-vontade ao companheiro mais abastado ou mais forte, posto pelos Desígnios Divinos à nossa frente.

Em todos os passos da luta humana, encontramos a virtude rodeada de vícios e o conhecimento dignificante quase sufocado pelos espinhos da ignorância, porque, infelizmente, cada um de nós, de modo geral, vive à procura do "eu mesmo".

Entretanto, graças à Bondade de Deus, o sofrimento e a morte nos surpreendem, na experiência do corpo e além dela, arrebatando-nos aos vastos continentes da meditação e da humildade, onde aprenderemos, pouco a pouco, a buscar o que pertence a Jesus-Cristo, em favor da nossa verdadeira felicidade, dentro da glória de viver." ("Fonte Viva", pp. 231-3, ed. FEB)

Pequena sinopse sobre o egoísmo e o narcisismo, o texto selecionado, juntamente com os de números 57 e 58, também de "Fonte Viva", será, talvez, um dos mais agudos que Emmanuel já tem produzido. É de inspiração gêmea daquele, também acerca do egoísmo, inserido no "**Evangelho Segundo o Espiritismo**".

Trata-se, efetivamente, de três comunicações-síntese da grande gênese de todos os problemas espirituais encontrados na centralização da mente em suas próprias razões, sob as vergastadas do apostolado e do discipulato.

O que temos já é nosso; não precisamos buscá-lo nos outros... O que é do Cristo ainda não é nosso; eis o que é mister conquistar.

O estudo do pensamento cósmico, enfeixado no Evangelho, apoia-se todo na idéia de "Reino de Deus", que está **dentro** de nós. Nele, eis a união com a Consciência Subjacente, a união com "Brahman", a que se reportam textos básicos de Vedanta Advaita, como o "Auto-Realização" e o "Autoconhecimento", ambos de **Shankaracharia**.

“Em verdade”, escreveu o benfeitor espiritual, “estudamos com o Cristo a ciência divina de ligação com o Pai, mas ainda nos achamos muito distantes da genuína comunhão com os interesses divinos”.

A chamada “cortina do eu”, a máscara da personalidade, que afivelamos à face, e com a qual, não raro, nos apresentamos à convivência, fidelíssimos aos interesses do mundo, é apetrecho do caráter dotado de órbitas exigüíssimas, impedindo que a alma enxergue a substância das coisas.

Por isso, exibimos, em constrangedora desenvoltura, as arestas do personalismo, arranhando os que de nos se aproximam, em constante litígio com o semelhante.

O rosário de caprichos confunde nossos melhores instintos, em nos desafiando o voluntarismo neurastênico, a prosápia da detenção exclusivista da verdade, a balbúrdia de conceitos culturais, traduzida em delírio opinativo, e a indigência de discernimento, criando em nosso íntimo perfeito caldo de cultura para os pequenos e os grandes desencontros.

Padecendo cegueira axiológica, de alta seletividade sempre que estejam em campo valores espirituais, amamos a nós mesmos nos outros, ainda que estes sejam os corações a que maior bem devotemos... Porque não sejamos capazes de amar a Deus sobre tudo o mais, nosso amor pelo “alheio” é cobiça de posse, não passa de arremedo de intensificação, e subordina-se a, neste, almejarmos o gozo de nosso ego, razão por que nele emolduramos o espelho em que nos contemplemos em êxtase improdutivo.

Baldios da noção de conjunto, pauperizados da consideração do outro como núcleo divino, tão valioso quanto nós, não raro exigimos vassalagem e reconhecimento estrepitoso, auto-hipnotizados na solerte idolatria sem ídolos (basta-nos, a nós...), e fascinados pela sofisticada ritualística sem "objetos" exteriores (manipulamos o semelhante...).

A cortina do eu não precisa de exterioridades para baixar sobre a nossa alma... Ela cai, inexorável e aos poucos, sobre todo aquele que olvida a generosidade, a transparência dos sentimentos, e a compaixão e a honestidade intelectual, essas

digitais que a genética da Obra desse Deus, que, sendo Pai, jamais deixou de ser Mãe, imprimiu no Espírito Imortal.

A raiz do sofrimento é a negação da origem comum, pelo egoísmo separatista. Um pouco de ternura quebra o gelo da superioridade postiça, que serve apenas para escorraçar-nos do real encontro conosco, pelo qual, em essência, tantas lágrimas vertemos.

Sob tais considerações, Emmanuel chama-nos a atenção para um tipo solerte de soberba: a exibição de humildade, comuníssima no discurso religioso. Para esta, o próximo só é nosso igual para ver-se, em público, reduzido aos nossos próprios defeitos, que, presto, reconhecemos, também publicamente, em espetáculo de acintosa autopiedade, objetivando dar lições de grandeza, no melhor estilo farisaico (parágrafos 6º e 9º da mensagem transcrita).

Dia virá, porem, quando, exaustos de arrastarmos falsas urgências, cansados de lutarmos pelo que já é nosso, voltaremos o coração e a mente para Deus impessoal na transcendência e na imanência, perseguindo a reconciliação com o que em verdade somos, e erguendo, por fim, o pesado estor da aparência. Então, enxergaremos no próximo não a nossa imagem (erro de perspectiva, responsável pela construção do Deus pessoal e transcendente), para que melhor nos amemos, mas o nosso irmão gêmeo, mais um grande motivo para amarmos perdidamente a quem nos criou.

“Doenças Escolhidas

**Convictos de que o Espírito escolhe as
provações que experimentará na Terra, quando se
mostre na posição moral de resolver quanto ao
próprio destino, é justo recordar que a criatura,
durante a reencarnação, elege, automaticamente,
para si mesma, grande parte das doenças que se lhe
incorporam às preocupações (...)**

**(...)Exteriorizando idéias conturbadas,
assimilamos as idéias conturbadas que se agitam em**

torno de nosso passo, elementos esses que se nos ajustam ao desequilíbrio emotivo, agravando-nos as potencialidades alérgicas ou pesando nas estruturas nervosas que conduzem a dor.

Mantidas tais conexões, surgem freqüentemente os processos obsessivos que, muitas vezes, sem afetarem a razão, nos mantêm no domínio de enfermidades, fantasmas que nos esterilizam as forças e, pouco a pouco, nos corroem a existência.

Guardemo-nos, assim, contra a perturbação, procurando o equilíbrio e compreendendo no bem - expressando bondade e educação- a mais alta fórmula para a solução de nossos problemas.

E ainda mesmo em nos sentindo enfermos, aperfeiçoemo-nos ajudando aos outros, na certeza de que, servindo ao próximo, serviremos a nós mesmos, esquecendo, por fim, o mercado da invigilância onde cada um adquire as doenças que deseja para tormento próprio.” (“Religião dos Espíritos”, pp. 165/7, ed. FEB)

Procura Emmanuel enunciar a existência de sinergia entre o estoque cármico purgativo, a integrar o patrimônio realizável do Espírito, e a efetiva atualização das potencialidades, no setor da higidez psicofisiobiológica.

Na atuação de evocadores e competências, faz-se sentir a influencia espiritual própria, através da mente, que deflagra, ou não, processos mais ou menos dolorosos de filtragem cármica.

O corpo somático atua à maneira de mata-borrão, absorvendo os dados informacionais contidos no perispírito do reencarnado, sofrendo, porem, a ação inibidora ou fomentadora do corpo mental da individualidade, que atua, inclusive, sobre as predisposições genéticas, tradutoras do carma maduro.

Mesmo no concernente a este, todavia, a noção é probabilística, e haverá, sempre, uma margem de manobra, por menor seja ela, a permitir ao Espírito interferir com o modo pelo qual o fruto é apanhado: se por meio da colheita, ainda no alto da arvore, se, machucado, caído ao chão.

A lei da sintonia espiritual surge enunciada através de comportamentos, que podem ser comparados a ondas, reforçadas, porque em fase, na interferência construtiva, ou opostas e descaracterizadas, porque fora de fase, na interferência destrutiva.

Dependendo do sinal ético emitido por nosso coração e por nossa mente, varreremos, construtiva ou destrutivamente, em plano hiperfísico e moral cósmico, maior ou menor área. Por isso, nossos semelhantes espirituais sempre estão sintonizados conosco.

Os resultados de eventuais ou constantes desequilíbrios mento-afetivos são conhecidos: processos de somatização, com certa probabilidade de engendramos, até mesmo, moléstias insidiosas e pesadas, que, não obstante isso, haverão de render-nos bons frutos, na dependência de nossa reação às mesmas.

Evitar semelhantes métodos drásticos de alcance da verdade é algo que faremos “(...)procurando o equilíbrio e compreendendo no bem --expressando bondade e educação-- a mais alta fórmula para a solução de nossos problemas.”

Se, todavia, o desequilíbrio se instalar, urge procurar neutralizá-lo, pelo menos, através da caridade beneficente, se nos não for acessível a maior dentre elas, que é a caridade benevolente.

Resta a certeza de que, hoje, ao menos já logramos escolher as doenças; dia terá existido, quando as doenças escolhiam-nos, a nós; dia chegará, quando, espiritualmente hígidos, elas se perderão no passado longínquo dos equívocos superados.